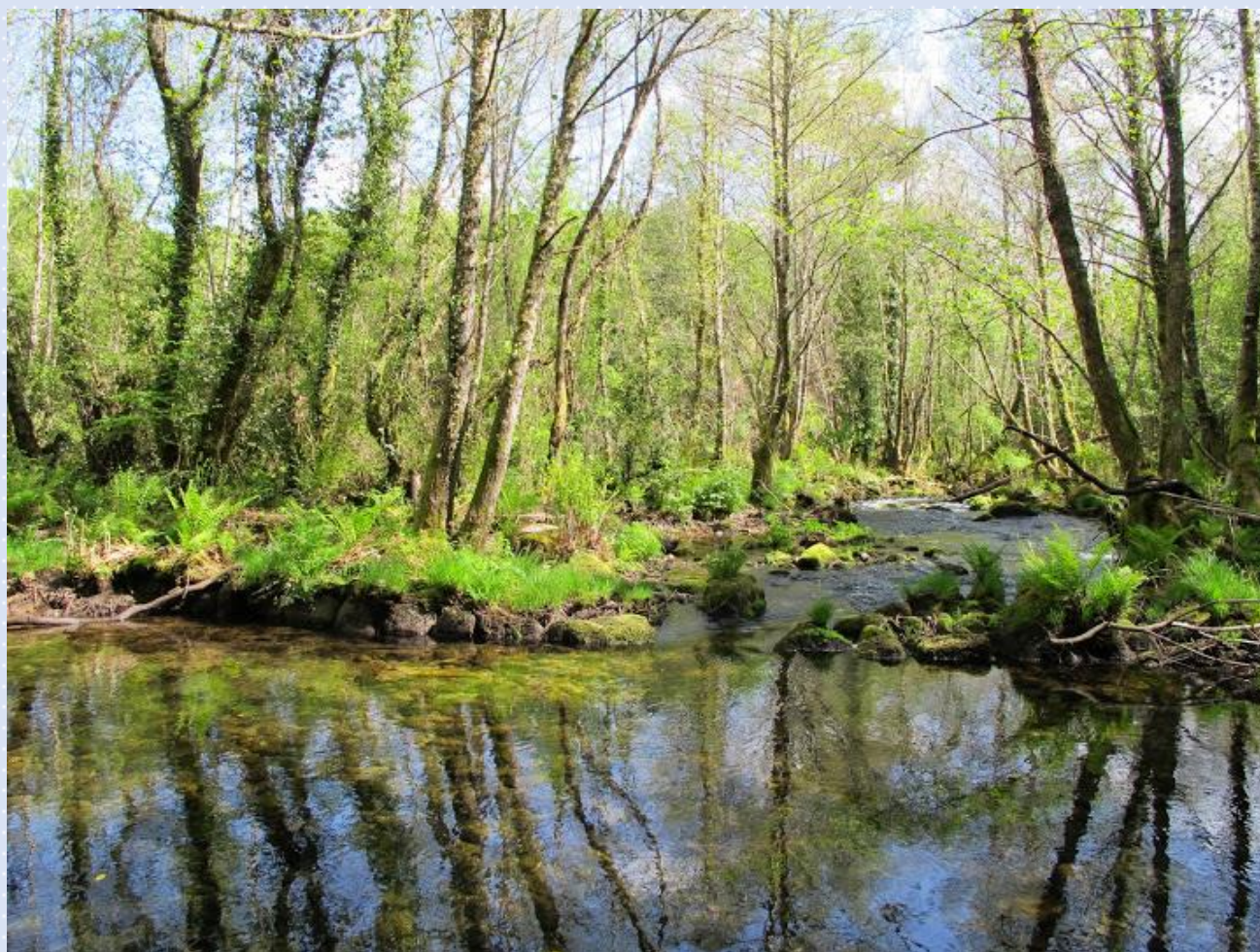


---

## *FRAGAS E LEVADAS DO RIO DEVA E RIO CALVO*

*A CAÑIZA, 12.5.15*

---



*“Eu vi a manhã pousada em cima de uma pedra!”*

Manoel de Barros





Foi muito bom! Bom! Bom! Bom!....



Os domingueiros reuniram-se no ponto de encontro costumeiro – prática que nos diferencia dos congêneres, agrada à quase totalidade dos aderentes e confere fiabilidade aos participantes e respectivos organizadores – para mais uma caminhada por serras, fragas, levadas e rios, preenchendo assim mais um dia fora do sofá, cc's, praia ou qualquer outro poiso de *dolce far niente*.

Com o dia a raiar tão cedo, céu limpo e temperatura ideal para saltar fora da cama quanto antes, 8h até foi tarde, mas logo, logo, teremos oportunidade de nos redimir, e as 4h do dia 1 de maio darão crédito para os 3 meses seguintes.

Com os carros completinhos, eis que sobra um! Há que refazer as ocupações, redistribuir e agora são três em um (menos mal) e lá vamos nós percorrer os 170kms que nos separam do “sendero” do dia. Pelo caminho, há que fazer um ligeiríssimo desvio (e uma infracção ao código de estrada) para uma recolha vilacondense e outra já pré-fronteiriça, minutos antes do ‘mata-bicho’ espanhol, e paragem da praxe para encher depósitos.



Ponto de partida muito agradável e religioso, como quase sempre e com uma menina a reclamar da hora tardia “eu disse que não íamos começar antes das 11h” mas prontíssima e até ‘speedada’ para fazer e apreciar o percurso, embora com receio de não regressar a tempo de cantar os parabéns ao irmão e, claro, comer uma grande fatia de bolo, pois o dia viria a ser de muita perda de calorias. Receio não justificado, pois que o bolo lá estava à sua espera e a família também.

7 viaturas arrumadinhas, alguém prepara umas “pernas” suplentes, breve espreitadela à capelinha e lá vão os príncipes e princesas desta era percorrer o Camiño da Rainha – ou Rainhas pois segundo o painel informativo D. Isabel deve-se ter cruzado com D. Urraca por aquelas bandas, uma de passagem para Portugal e a outra a visitar as suas propriedades e súbditos – por entre árvores de grande porte e velhice avançada enroladinhas em musgo verde por causa da frio, por sobre cama de folhas a atapetar o caminho de Sua e Nossa Ex.cias, a ouvir cantar o caudal do rio galgando rochedos, rochas e *seixinhos da mais alva porcelana*/... /*na fria transparência luminosa/repousam, fundos, sob a água plana* (C.P.), inúmeros moinhos, castanheiros, e por fim – porque fizemos o percurso ao contrário – imensos sobreiros (Alcornoques) bem perto do rio Oulo.



Depois de uma subida debaixo do sol do meio-dia seguida de percurso a meia fraga também debaixo de sol, entramos por entre a espessa vegetação que vai crescendo ao longo dos rios onde paramos para molhar os pés e refrescarmo-nos da subida.

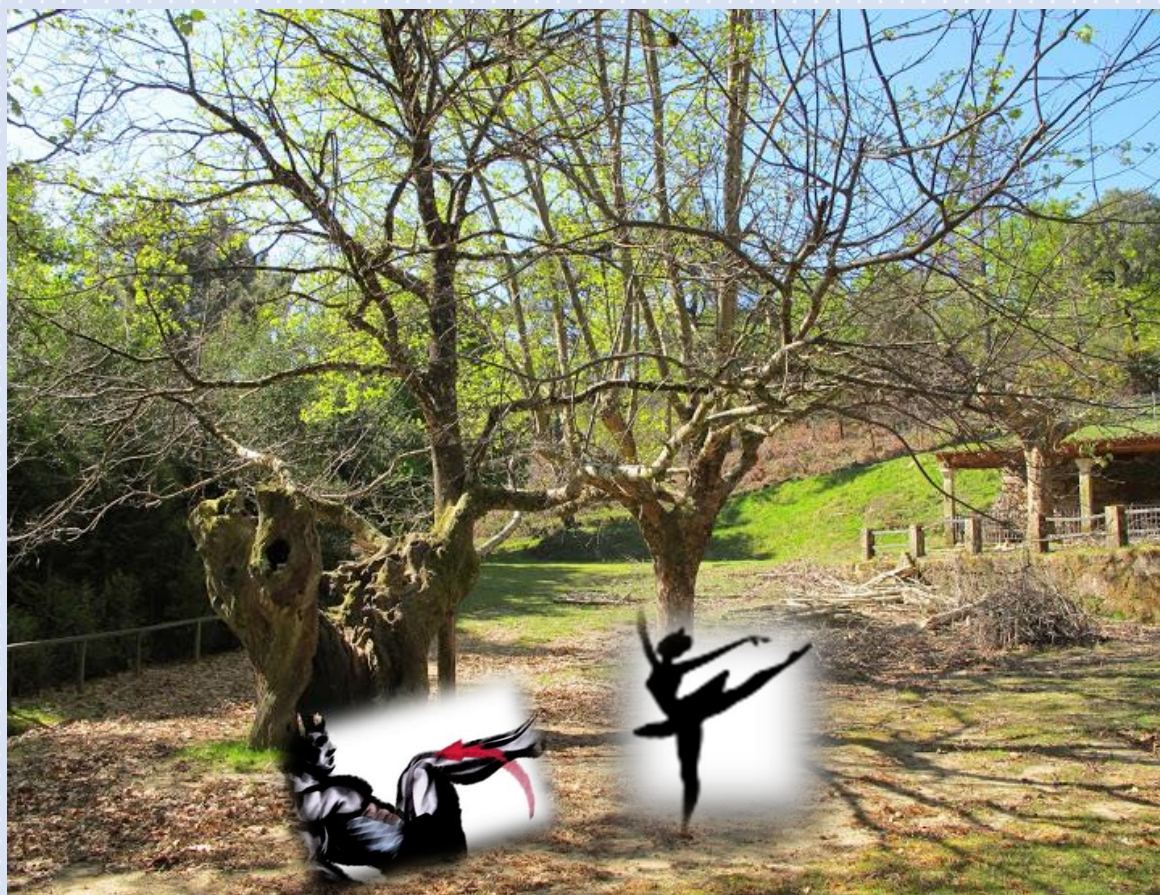


Local ideal para a primeira e única foto de grupo. Estávamos uns na margem esquerda e outros na margem direita do rio e assim não dá, a máquina não abrange toda a gente. E agora quem se levanta? Os da margem esquerda ou os da margem direita? Dizem que a maioria vence e esta estava na margem esquerda, mas o caminho seguia pela margem direita. Venceu a ‘maioria ajuizada’ da margem direita e aqui está a foto para o comprovar.



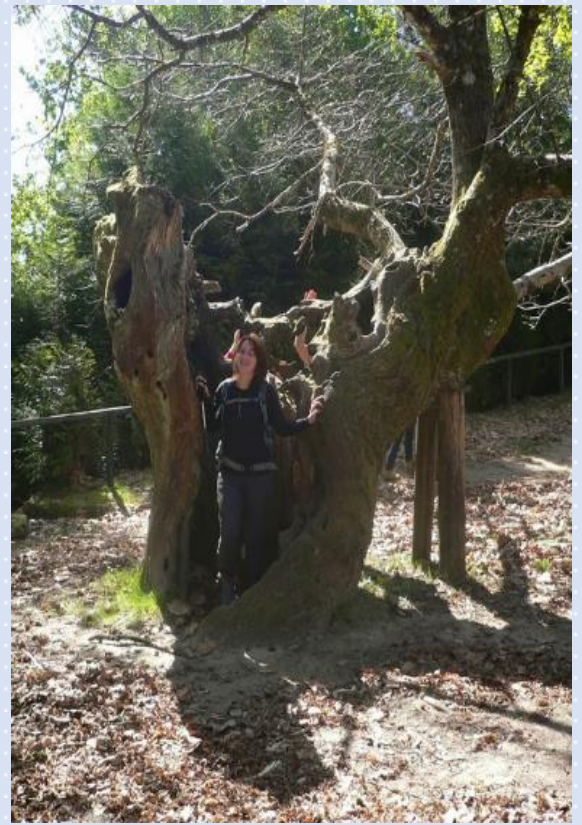


De notar neste percurso a grande quantidade de árvores seculares de estranhas formas retorcidas, com troncos esventrados e raiados e galhos intrincados que dispõem depois em todas as direcções à procura do sol e que fazem lembrar a célebre questão: a vida imita a arte ou a arte imita a vida? Algumas delas até já têm nomes,



por ex: el castaño seño del PR-G 165 (o castanheiro solitário), outros são patamares fáceis para uma balastrada confortável, outros ainda cresceram, ergueram-se, elevaram-se e por fim dobraram, desfazendo-se, não resistindo à usura do tempo ou das belas passeantes.







Como começamos tarde o almoço veio cedo! Paramos beira-rio para a sandes



principal (comida avidamente), que foi rápida porque o percurso estava quase todo por fazer e lá retomamos o trilho interrompido em direcção à la Iglesia y cementerio de Parada de las Achas onde alguns devotos foram rezar, outro regar/lavar os arbustos e outro ainda passear por sobre as sepulturas sem medo pois o dia da Ressurreição já tinha passado e não havia o perigo de algum féretro se abrir de rompante e o respectivo ocupante vir cumprimentar os transeuntes. Além disso, o Camiño dos Defuntos da Montaña era um pouco mais abaixo.

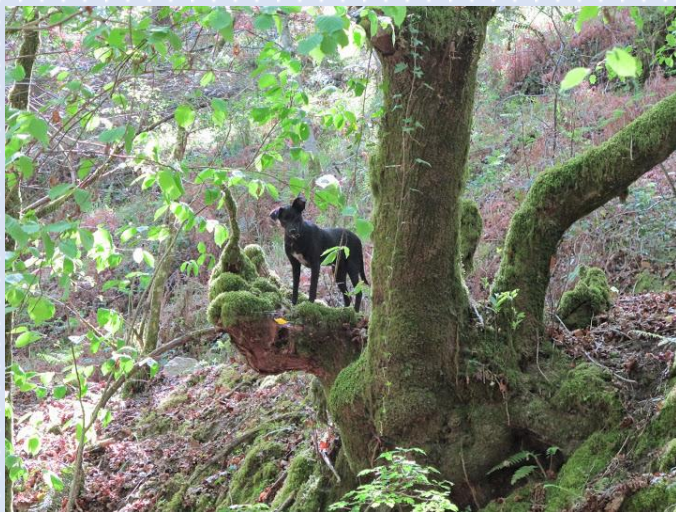


Trilho abaixo, fomos presenteados com um duche automático enquanto passávamos por entre os muros altos de pedra na freguesia de Parada de Achas rumo a mais uma paragem agora ao largo do Pazo do Conde de Cervellón onde abancamos novamente à sombra de grandes árvores enquanto outros espreitavam para o interior do paço a mirar lo desconocido e outros descobriam arte em pedra que eu não vi.



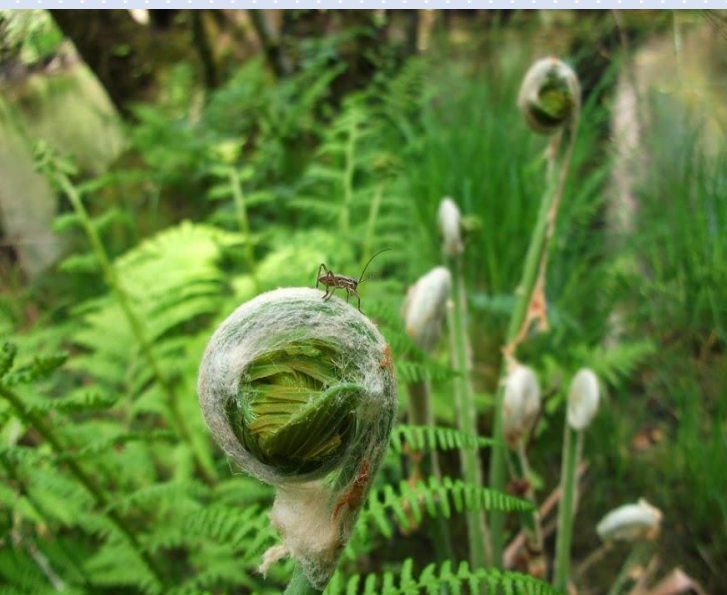


Este caminho é “*recomendable para hacer senderismo con perros en Galicia*” pois é quase sempre ao longo do rio ou levadas e foi o que fez a “Tília” com os seus dois cães que se portaram muito bem e um até fez pose, embora de ao de longe porque não era dado a muitas confianças com desconhecidos – marcas de quem não nasceu em berço de ouro.

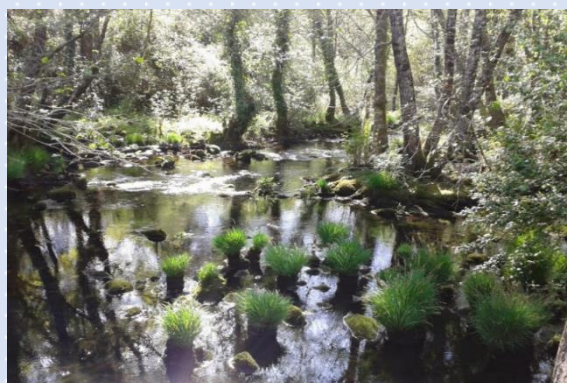


É também um caminho muito propício a paragens para lanchinhos e nunca os domingueiros pararam tantas vezes para comer, aproveitando os muitos recantos encantados com sombrinhas frondosas, rios calmos e planos que apetecia descer nadando/deslizando em muitas partes, outras atravessar de uma margem á outra por sobre poldras – fileira de pedras, sobressaindo da superfície da água, que servem para

atravessar o rio, Deva neste caso, onde nos apeteceu saltar ora para um lado, ora para o outro, posar para as fotos, rir, falar e apreciar antes de seguir caminho para outras paisagens sempre verdinhas e originais como a do feto/feto de 8 semanas e meia de gestação onde um insecto fez poiso antes de seguir viagem para outro poiso ou picada e ainda tufos de ervas que irrompem esguios de entre águas tranquilas, pousados em cima de simples pedras que emocionam qualquer um,



se não formos minimamente achavascados (… *em que ficamos dominados, por um desses espantos profundos que prendem os braços e as pernas, descem ao longo da espinha dorsal e param na planta dos pés para nos fixar ao solo / H. de B.*)





Tivemos assim muitas paragens autorizadas e não autorizadas, paragens folgadas e prazenteiras e ainda paragens forçadas porque um domingueiro se perdeu.



Avançaram-se logo dezenas de hipóteses, pressupostos, inferências e outras divagações circunvagantes e o domingueiro não aparecia. A opinião inicial era que alguém estava com problemas num pé, mas depois achamos a espera demasiado longa e essa teoria foi caindo por terra, depois era que alguém se tinha perdido e aí a curiosidade de todos foi aguçada para a identidade do extraviado: quem foi?! No final eram dois e não um e simplesmente viram uma estradinha bem plana, propícia ao seguimento do rumo da conversa que traziam e não querendo distrair-se com pormenores de roteiro, resolveram continuar sempre em frente, seguindo o alcatrão, só dando pela ausência dos companheiros de route já uns bons

500ms erroneamente andados, onde já ninguém os ouvia e vice-versa e aí sim, resolveram voltar atrás e procurar as indicações do caminho ao mesmo tempo que tentavam situar-se por telefone com o João, que entretanto dera pela falta da mãe dos seus filhos; não fora este “pequeníssimo pormenor” e o duo a esta hora estaria algures atravessando a floresta negra da montanha mágica do alemão, tão embrenhados na conversa interessante e que os fez alhear do percurso perfeitamente assinalado do dia e dos colegas que



ficaram preocupadíssimos, segundo imagem ao lado bem ilustrativa. 45' depois lá apareceram, cabisbaixos, de sorrisinho a meio lábio, de bem com a vida, leves e sem mazelas de maior – nada que impeça Sanábria daqui a 2 semanas.





Menos mal. Aproveitamos nós, os fiéis leitores de indicações, para abancar mais uma vez, comer e fazer a primeira reunião preparatória para Sanábria: quem dorme com quem, quem leva o quê, quem cozinha e o quê, a casa terá aquecimento, onde ficam os carros, qual a ordem da recolha e por fim, lá vamos todos nós parar à casa do Alfredo!... e nunca o tempo foi tão curto para espera tão longa.

Mais umas subidinhas, ora assistidas ora com impulso mental, à custa de muita transpiração, já com falta de ar e cor nas faces, exaurindo-se as últimas forças mesmo mesmo no fim!!! Apenas mais umas paragens, esperas e contemplações porque apetecia e porque já íamos adiantados no caminho e ainda porque é mais fácil falar parado do que a subir e lá chegamos ao ponto de partida e fim de mais um dia muito agradável.



Curioso nesta caminhada, é que uns só tiveram dificuldade na parte final, outros logo na inicial e outros em ambas! Em comum, eram ambas grandes subidas ensolaradas!

Outra curiosidade, é que uma vez empresária, empresária toda a vida. Uma menina muito pró-activa encontrou uma grande oportunidade de negócio mesmo à beirinha do caminho e sem mais delongas resolveu entrar para inspeccionar todas as divisões da casa (moinho): um 1º andar bem conservado, 2º andar ao relento e rés-do-chão arejado; espreitou para o seu interior, ajuizou sobre as vistas, humidade e calor e por fim, está aprovado! É casinha para uns 40.000, com amplos arredores, música ambiente e funcionária in(ex)cluída – tratar com o próprio! (Sampaio de seu nome)





Um louvor especial às fotos focadas e desfocadas do Gabriel, que espero sempre com expectativa e, como diz o Tiago-1 “depois delas (de todos!) já posso fazer o relatório”, pois registam tudo o que aconteceu e eu não vi, pois não sou onnipresente, mas deixando pouco trabalho à imaginação (Luz, está dispensada!), apenas de interpretação. As suas fotos têm alegria, luz, vida, acção, vento e movimento; são braços que voam, camisolas que se levantam, bocas que falam, comem, riem, pernas em V invertido para melhorar o equilíbrio, flexões dianteiras a 45 graus ou a 100% na horizontal, solilóquios de renovação espiritual (…ou puro cansaço físico…) e outros de grande circunspecção perante uma placa que diz “central de cabo 400m” (uhm…que diabo quererá dizer??!!… e para que lado ficará o cabo ??!!… ) e ainda alguém



nas suas 7 quintas a almoçar longe de intrusos porque a massa de cotovelo custa a ganhar, ou simplesmente captam instantâneos que os visados gostam depois de relembrar e torna moroso o trabalho de selecção para os respectivos álbuns pessoais. E é por tudo isto que as fotos tremem – porque têm ‘todo um mundo’ no seu interior, mais a alma do Gabriel!



(G.: já ganhei o esparguete com salmão? Se não, retiro tudo o que disse!)



Deixo-vos com o lema dos Domingueiros no que ao tempo se refere, da autoria do nosso manda-chuva/manda-sol, Sir John:

*“Com rigor, vai estar entre os 5º e os 35º, com possibilidade de escaldão que pode ser de grande molha durante a tarde, isto se chover chuva, vento de fraco a furacão, a ondulação vai ser boa para o surf, de iniciados a profissionais. Mas o impermeável deve ir sempre no fundo da mochila, e venha o que vier.....”*



Até Sanábria!